

# REASSENTAMENTO FLOR DA SERRA EM MEMÓRIA VISUAL

*Data de aceite: 02/08/2023*

### **Maria de Fátima Rocha Medina**

Doutora em Letras (Unileón/UFPE),  
Mestra em Tecnologia da Educação  
(USAL/UFPE), Graduada em Letras  
(UESB). Atualmente é professora da  
Unitins e atua na Proex.

<https://lattes.cnpq.br/1294258849923019>.  
<http://orcid.org/0000-0001-6858-272X>.

### **Marinalva do Rego Barros Silva**

Doutora em Artes (UNESP), Mestra em  
Educação (UnB) e Graduada em História.

Atualmente é professora da Unitins no  
C. de Serviço Social e atua na PROEX.  
Lattes: 7518393119037153.

### **Luana Martins Macedo**

Graduanda do Curso de Sistemas de  
Informação, na Unitins.

### **Gabriela Martins Macedo**

Graduanda do Curso de Letras, no IFTO.

**RESUMO:** Milhões de pessoas são obrigadas a se deslocar de seus territórios devido a construções de barragens. Os moradores do reassentamento enfrentaram a experiência dolorosa de sair da terra de origem para viverem no Flor da Serra onde precisaram recomeçar a vida. O início como

reassentados foi difícil e faz parte da história dessa gente, conforme cento e oitenta e uma fotografias que foram manejadas. Registros fotográficos são importantes ferramentas de memória externa ao preservar vestígios de algo que existiu ou aconteceu e colaboram na manutenção de recordações das pessoas. Nosso objetivo geral foi investigar narrativas e/ou outras referências culturais que moradores têm acerca da formação do grupo social no reassentamento Flor da Serra a partir de memória externa/fotos. Metodologicamente, o processo de seleção, catalogação, organização temática, distribuição em álbum e exposição digital das fotos foi amparado por textos sobre o reassentamento, fotografia, questões éticas e visita ao local. Aparentemente, as fotografias em foco não são objetos artísticos como desejava Benjamin, há quase um século. Porém, mesmo desgastadas pelo tempo, pela umidade e outros fatores, as fotos eternizaram pessoas, paisagens, situações e rotinas dos moradores, preservando-as do esquecimento. Após os procedimentos, as fotografias ampliam características funcionais de conservação, seleção e acessibilidade, além de desafiar o espectador a olhar pessoas reassentadas com atenção e respeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** reassentados, memória, fotografias, visibilidade.

**ABSTRACT:** Millions of people are forced to move from their territories due to the construction of dams. The resettlement residents faced the painful experience of leaving their homeland to live in Flor da Serra, where they had to start their lives over. The beginning as resettled was hard and is a part of the history of these people, according one hundred and eighty-one photographs that were handled. Photographic records are important external memory tools as they preserve traces of something that once existed or happened and collaborate in keeping people's memories. This documental work aimed to investigate narratives and/or other cultural references that residents have about the formation of the social group in the Flor da Serra resettlement from external memory. Methodologically, the process of selection, cataloging, thematic organization, distribution in photo albums and photographs digitization was supported by texts on resettlement, photography, ethical issues and site visit. Apparently, the photographs are not artistic objects as Benjamin wanted almost a century ago. However, even frayed by time and other factors, the photos immortalized people, places/landscapes, situations and routines of the residents, preserving them from oblivion. After the procedures, the photographs expand the functional characteristics of conservation, selection and accessibility, in addition to challenging the viewer to look at the resettled with attention and respect.

**KEYWORDS:** resettled, memory, photographs, visibility.

## 1 | INTRODUÇÃO

Mesmo com artifícios, sem a aura e a concepção criadora defendidas por Benjamin, a fotografia continua valiosa (BENJAMIN, 2012). É relevante como memória externa que captura cenários, pessoas, cenas e ações reveladoras de parte da história de indivíduos e comunidades (ASSMANN, 2011). Os moradores do Flor da Serra registraram em fotografias vários momentos do processo de fixação no reassentamento, período muito difícil para todos. Cada foto funciona como parte de um mosaico das histórias das famílias (Neto, 2018; Silva, 2000) que foram obrigadas a sair da terra de origem, na beira do rio Tocantins, para dar lugar à usina hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães (BATISTA, 2009).

Para olhar com mais clareza as fotos, precisamos compreender, ainda que sucintamente, o contexto das famílias e para onde elas foram deslocadas, “pois sem percepção e pensamento não podemos conhecer” (OLIVEIRA, 2000, p. 18). A fotografia como indício do passado é instrumento de memória externa que contribui para o sentimento de recordação da história dos sujeitos envolvidos (ASSMANN, 2011; BAKHTIN, 2003). Este texto é parte da pesquisa “Vozes do reassentamento Flor da Serra: memória, identidade, pertencimento” cujos objetivos específicos foram identificar fotos do passado que contribuem para a caracterização do início do Flor da Serra, como também catalogar, organizar, legendar, digitalizar e expor parte das fotografias acerca da formação do grupo social no reassentamento.

## 2 | REASSENTAMENTO FLOR DA SERRA E O AFOGAMENTO DOS SONHOS DE RIBEIRINHOS

O reassentamento localiza-se na zona rural do município de Porto Nacional, a 90 Km de Palmas-TO. Muitas famílias que continuam morando no Flor da Serra já viviam na zona rural, às margens do rio Tocantins, antes do deslocamento. E, no âmbito econômico, desenvolviam o extrativismo, além da agricultura familiar e/ou pecuária, de forma tradicional, como pequenos produtores rurais proprietários, posseiros ou ocupantes (BATISTA, 2009). Além das atividades de sustento, realizavam festas tradicionais, por exemplo, a folia do Divino e de Reis, visitavam os amigos próximos, faziam mutirão para plantio e colheita e conheciam muito bem o lugar onde viviam anteriormente. Esses elementos, resultados de experiências identitárias, simbólico-culturais ficaram submersas nas águas do rio Tocantins e se tornaram vestígios das recordações do passado. Porém, com atualizações e novos participantes, algumas práticas ressurgiram no reassentamento Flor da Serra.

O processo de desapropriação foi longo, cheio de incertezas e muito doloroso. Igualmente dolorosa e difícil foi a instalação no reassentamento. Procedentes de lugares distintos, as pessoas se sentiam estranhas entre si cuja consequência foi a dificuldade de adaptação ao ambiente e aos desconhecidos vizinhos com quem foram obrigados a reivindicar e lutar por direitos e conviver proximamente. Essa realidade os desafiou quanto à constituição do novo grupo e de repertório de narrativas das pessoas. Ao serem construídas por redes de interação dialógica e de afetos (Bakhtin, 2003), de convivência amistosa, socializações e aprendizagens, as narrativas contribuem para o engajamento e robustez do grupo, se atualizadas com frequência (BENJAMIN, 2012).

Nos primeiros tempos de reassentamento, entre incertezas, desconfianças e desânimos, muitas famílias enfrentaram o sol inclemente em terra desconhecida e remexida pelas máquinas que ainda faziam os últimos ajustes encomendados pela empresa do consórcio responsável pela hidrelétrica. O deslocamento para o Flor da Serra alterou de maneira significativa a vida de dezenas de famílias devido à falta de abundância de água e peixes. No lugar não havia árvores frutíferas nem as tradicionais roças de toco; e, principalmente, não havia rio extenso, volumoso e próximo para pescar e adubar a terra como havia nas terras de origem (MEDINA E MARANHÃO, 2020). Os reassentados foram retirados justamente pela proximidade entre a terra onde viviam e o rio Tocantins. E, mesmo tendo recebido alguma recompensa pelo deslocamento, esta não conseguiu resolver a complexidade dos problemas enfrentados por quem sequer pensava em sair do local onde vivia. Em geral, os programas de reassentamento não repararam os meios de trabalho e os danos emocionais dos que perderam seu território para as hidrelétricas.

Já se passaram mais de duas décadas que a maioria das famílias vive no local entre recordações ainda muito latentes e a (re)construção da identidade nessa nova terra. Há adultos que chegaram ao Flor da Serra como crianças cuja mudança forçada causou

inadaptação e tristeza, sobretudo, pela ausência do rio, principal espaço de entretenimento. E há adultos e idosos que continuam a sentir falta das proximidades do Tocantins no qual pescavam e/ou plantavam e em cujas águas foram “afogados” os resultados de longos anos de trabalho e de sonhos. As fotografias tratam desse ambiente, do início do Flor da Serra, as quais nos provocam a olhar a realidade de reassentados com mais atenção e respeito.

### 3 I FOTOGRAFIA: OBJETO DE MEMÓRIA EXTERNA

Segundo Benjamin (2012, p.97), o desejo de “fixar as imagens na câmera escura” vem desde Aristóteles, na antiguidade. Leonardo da Vinci, no renascimento, também tentou, mas foram os franceses Niépce e Daguerre que conseguiram realizar a façanha, no ano de 1839. O ato de fixação da imagem foi polêmico e, inclusive, um jornal francês da época chegou a denominar a fotografia de “arte diabólica” e dizia que “o homem foi feito à imagem de Deus, e a imagem de Deus não pode ser fixada por nenhuma máquina humana” (BENJAMIN, 2012, p. 98). Contudo, havia quem defendesse o feito e projetasse, acertadamente, importantes desdobramentos futuros.

As primeiras fotos, únicas, eram guardadas como preciosidades. Para os pintores, a câmera era recurso técnico. Benjamin fala das imagens humanas anônimas e não retratos. Ele diz que a pintura, depois de algum tempo, ninguém lembra da pessoa retratada; apenas do talento do pintor. Mas, por exemplo, a fotografia da vendedora de peixe de New Haven, é diferente:

Olhando o chão com um recato tão displicente e tão sedutor, preserva-se algo que não se reduz ao gênio artístico do fotógrafo Hill, algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daquela que viveu ali, que também aqui ainda é real e que não quer reduzir-se totalmente à ‘arte’ (BENJAMIN, 2012, p. 100, aspas do autor).

O autor sugere a procura pela “pequena centelha do acaso, do aqui e agora” (Benjamin, p. 100) na fotografia. Ele chama atenção para o poder que a câmera tem, por meio de recursos específicos, como técnica e magia e a capacidade de ampliação, além da habilidade do fotógrafo ao registrar detalhes que o olhar normal já automatizou. O ensaísta ressalta que as pessoas a serem fotografadas passavam longo tempo imóveis e expostas frente à concentração do fotógrafo e suas técnicas para que o trabalho fosse único e rodeado de magia: “tudo nessas primeiras imagens era organizado para durar” (BENJAMIN, 2012, p.103).

Benjamin (2012) chama a atenção que, na época da industrialização, fim do século XIX, ocorreu a inserção de homens de negócio no mundo da fotografia, uma vez que era vantajoso em termos econômicos. E, com o aperfeiçoamento da técnica, as fotos começaram a ser reproduzidas (e/ou uniformizadas) e retocadas; os álbuns se tornaram comuns e isso

gerou a decadência da fotografia. O autor critica os rebuscamentos, a artificialidade dos álbuns e as poses forçadas e banalizadas dos fotografados. Para ele, a aura que havia nas primeiras fotografias não existia mais. Já a aura, relacionada à questão estética, era algo que apontava para o essencial, para a singularidade de quem era fotografado. Ao perdê-la, as fotos perderam o brilho genuíno.

Atget foi elogiado por Benjamin (2012), porque esse fotógrafo fixava com a máquina as coisas aparentemente perdidas, transviadas ou raras da cidade, ou seja, aquilo que a maioria não via. Então, ele revelava uma outra face urbana e, com ela, sua aura. Com essa escolha e postura, Atget combateu o artificialismo das fotos ao apresentar o caráter único de cada situação. O autor exalta também August Sander que, sem preconceito e de forma terna, fotografava rostos de pessoas; “parte do camponês, conduz o observador por todas as camadas e profissões, até os representantes da mais alta civilização, e descendentemente até o idiota” (BENJAMIN, 2012, p. 109-110).

De um ponto de vista menos exigente (e mais atual) do que o de Benjamin, a fotografia pode ser considerada como registro ou documento da memória e suporte que possibilita a ligação do passado com o presente. Silva (2000) a define como um corte no espaço/tempo que permite a contemplação infinita. Tal documento da memória não permite a compreensão da realidade transcorrida, mas uma aproximação. Isso torna a fotografia ainda mais fascinante, já que suscita interpretação singular e individual baseada na subjetividade de cada ser humano. Desse modo, a apreciação dos fatos retratados tem significado único para cada indivíduo e provoca diferentes sentimentos e sensações a cada contemplação.

José Alves de Freitas Neto (2021) diz que retratos remetiam a sentimentos de nostalgia, pois tirar uma foto era uma maneira de produzir lembranças para o futuro e uma forma de se recordar “os rostos, as pessoas e as histórias que começam a se apagar das memórias” (NETO, 2021, p.2). Para Bosi (1994), recordar não é viver novamente o passado, mas reconstruir e repensar, com as ideias de hoje, as experiências já vivenciadas. Ou seja, a partir da memória é possível unir sensações, emoções e situações vividas a novas ideias, valores e percepções da realidade, criando um singular quadro mental do que aconteceu. Desse modo, mesmo que pareça nítida a lembrança de um fato antigo, ele não é a mesma imagem experimentada anteriormente.

Assmann (2011) defende que memória armazenada serve para perdurar, como por exemplo, em livros, computadores, máquinas e outros artifícios externos que, diferentes do homem, não esquecem, porque apenas recebem dados e informações. Já a recordação é inerente ao ser humano. Para recordar, as pessoas precisam construir repertório de vivências ocorridas ao longo da vida que constituem sua identidade individual e também coletiva que podem ser esquecidas. “As recordações se notabilizaram por marcas tênues, vestígios empalidecidos e perigo constante de perda” (ASSMANN, 2011, p. 124). Por isso devem ser atualizadas, revisitadas e revigoradas com frequência para não serem

esquecidas. A palavra é portadora de memória, mas as fotografias também perenizam momentos fugazes em imagens que podem ser eternizadas, se preservadas com devido cuidado. A autora alemã (2011, p.235) afirma que “diante da erosão do tempo, imagem e escrita funcionam como meios/ferramentas de armazenamento” e inclui a fotografia.

Então, embora Benjamin critique com razão a reprodutividade da fotografia que, na atualidade, se tornou muito mais banal, de consumo imediato e com inúmeras ferramentas para retoques e distorções, a foto tem sido um item de preservação memorial. A fotografia que captura o cotidiano para dizer algo sobre ele resiste ao processo de massificação e continua a cumprir a função de perdurar o instante efêmero e revelar um pouco sobre a realidade fotografada. E contrária, assim, a crítica de Benjamin (2012) acerca do perigo de reprodutibilidade/banalidade da foto. Então, mesmo sem os requisitos que Benjamin defende, imagens fotográficas fazem parte do memorial da história, como extensão da memória humana, junto com a escrita e outros instrumentos. É uma ferramenta de memória externa que liga o presente ao passado. De acordo com Assmann (2011):

A fotografia funciona não apenas como analogia da recordação, ela também se torna o médium mais importante da recordação, pois é considerada o indício mais seguro de um passado que não existe mais, como estampa remanescente de um momento passado. A fotografia preserva desse momento do passado um vestígio do real com que o presente está ligado por contiguidade, por contato (ASSMANN, 2011, p.238).

Assmann (2011, p.368) chama a atenção para a necessidade e importância de arquivo como “armazenador coletivo de conhecimentos que desempenha diversas funções” e aponta três características funcionais: “conservação, seleção e acessibilidade”. Ela afirma que “o arquivo adquire um significado de destaque como memória potencial ou pré-condição material para memórias culturais futuras. Além disso, o arquivo contém embutida em si uma memória funcional na forma de memória de armazenamento, que é designada pelo nome de “herança cultural” (ASSMANN, 2011, p. 369). Ou seja, a fotografia é um material que, preservado, pode contribuir na composição da narrativa de determinado grupo para a posteridade. Assim, as fotos do reassentamento podem funcionar como relevante patrimônio que “já não se pode mais encará-las como produtos individuais: tornaram-se produções coletivas muito poderosas [...]” (BENJAMIN, 2012, p. 238).

Neste trabalho, realizado em época de reprodução ostensiva de fotografia, nós, pesquisadoras, e não fotógrafas, como Atget, tentamos enxergar o que há de especial e raro nas pessoas e situações fotografadas. E realizar isso sem preconceito, sob o olhar de August Sander, ambos os fotógrafos citados por Benjamin. Além disso, pensamos as fotografias, “como materialização que ultrapassa tempo/espaço” e memória “que sustenta de fora as recordações”. A intenção é dar visibilidade às fotos para tornar “o evento/as pessoas atemporais, ‘fora’ do esquecimento” (Assmann, 2011, p.238) na história do Flor da Serra. Para isso, amparadas teoricamente, nos desafiamos a enxergar de maneira

diferente e sem ingenuidade (Oliveira, 2000) o que foi fotografado, como também contribuir com as três características funcionais “conservação, seleção e acessibilidade” defendidas por Assmann (2011). Porque, sobretudo para os moradores do Flor da Serra, ver tais fotografias com frequência para recordar as pessoas e o contexto de outrora contribui para evitar o esquecimento.

## 4 | MATERIAL E MÉTODOS

Para realizar o trabalho de memória visual do reassentamento Flor da Serra, por meio de pesquisa documental, com foco em fotografias, inicialmente lemos e debatemos textos sobre os temas em foco: deslocamento em função de usinas hidrelétricas (Batista, 2009; Nóbrega, 2011); reassentamento Flor da Serra (Batista, 2009); fotografia como objeto de arte, memória e recordação (Benjamin, 2012; Assmann, 2011; Neto, 2018; Silva, 2000); sujeito (Bakhtin, 2003); como também acerca do olhar, ouvir e escrever na elaboração do conhecimento (Oliveira, 2000) e o aspecto ético na Resolução 510, de 07/04/2016 (BRASIL, 2016). A revisão bibliográfica foi importante para sensibilização, responsabilidade ética e conhecimento mínimo sobre a função da fotografia no processo de (re)constituição identitária, recordação e memória, em relação a pessoas que são obrigadas a sair da terra de origem em consequência da construção de usinas hidrelétricas.

Em dezembro de 2020, momento de uma pequena pausa em relação à pandemia, fomos ao Flor da Serra para identificar possíveis proprietários de fotos da época em que começou a vida coletiva nesse reassentamento. Previamente sabíamos de familiares<sup>1</sup> que têm fotos sobre o início do reassentamento e, após consulta, eles aceitaram nos receber. Expusemos sobre a proposta de pesquisa e obtivemos autorização para ficar com as fotografias durante o período do trabalho. Ainda no local, fizemos uma pré-seleção e excluímos cartões postais. Em seguida, contamos cento e oitenta e uma (181) fotografias impressas. Na sequência, assinamos documentos com autorização para manejar esse material e devolvê-lo após a realização do trabalho. A visita ao reassentamento seguiu o protocolo sanitário de segurança com uso de máscara de proteção, álcool 70% e distanciamento físico. Além disso, conversamos apenas o essencial com as interlocutoras na área externa da casa para evitar possíveis contágios do Covid-19. Combinamos retornar para identificar fotografias com outros moradores, mas o estado do Tocantins voltou a decretar emergência sanitária e isolamento<sup>2</sup>, por isso não foi possível identificar fotos com outros moradores.

---

<sup>1</sup> Familiares de Ismael Gomes Boaventura. Ele foi o primeiro presidente da associação do reassentamento.

<sup>2</sup> TOCANTINS. Decreto nº 6.222, de 26 de fevereiro de 2021.



Imagem 1- Acadêmica e professora durante realização de pré-seleção e contagem das fotos, na casa da família, reassentamento Flor da Serra, 22/12/2020.

Fonte: Acervo do projeto.

Inicialmente, fizemos uma primeira catalogação das fotos. A breve visita ao local e outros conhecimentos prévios a respeito do reassentamento a partir de textos (Batista, 2009; Medina e Maranhão, 2020) nos ajudaram a organizar as fotos em temáticas e, em seguida, foram colocadas em envelopes. Para facilitar, organizamos dois blocos com aproximadamente noventa (90) fotos cada. Em seguida, exibimos as fotografias lado a lado a fim de obter melhor visualização.



Imagem 2- Primeira catalogação e seleção das fotos. Março/2021

Fonte: Acervo do projeto.

Após a observação, subdividimos em 3 categorias mais genéricas e agrupamos as fotos com elementos fotografados semelhantes (tabela 1). Na categoria “pessoas”, agrupamos setenta e sete (77) fotos com os seguintes temas: reuniões, eventos sociais, atividades escolares, atividades esportivas, atividades domésticas e transporte. Na categoria “trabalho”, agrupamos sessenta e duas (62) fotos com os seguintes temas: pecuária, agricultura, comércio e construções. E na categoria “paisagens”, agrupamos quarenta e duas (42) fotos com imagens de natureza, ambientes rural e urbano. Total de fotos: cento e oitenta e uma (181). Para o manuseio, utilizamos luvas e máscaras a fim de evitar contato direto e preservar as fotografias, em conformidade com a resolução 510/2016, Art. 3º, que destaca o compromisso do pesquisador em evitar danos materiais decorrentes da participação na pesquisa.

CATEGORIAS	TEMAS	NO. DE FOTOS
<b>PESSOAS</b>	Reuniões Eventos sociais Atividades escolares Atividades esportivas Atividades domésticas Transporte	77 fotos
<b>TRABALHO</b>	Pecuária Agricultura Comércio Construções	62 fotos
<b>PAISAGENS</b>	Natureza Ambiente rural Ambiente urbano	42 fotos
Total de fotos		181 fotos

Tabela 1- As três categorias, temas e quantidade da primeira das fotografias na primeira fase.

Fonte: Elaboração própria

Já catalogadas em doze (12) envelopes, exibimos cada grupo de fotos e verificamos a existência de repetições. Diante disso, escolhemos a fotografia com melhor nitidez e maior abertura de ângulo.



Imagem 3- Exemplo de fotos repetidas

Fonte: Fonte: Acervo de reassentado<sup>3</sup>

Além das repetidas, notamos fotos bastante danificadas pela ação do tempo e porque estavam guardadas em uma caixa pequena. A umidade prejudicou de maneira irreversível algumas delas pela proliferação de bactérias e fungos, conforme exemplifica a imagem seguinte.



Imagem 4- Exemplo de foto danificada

Fonte: Acervo de reassentado

---

<sup>3</sup> Esta e as demais fotos do acervo do reassentado foram digitalizadas para este trabalho.

Diante dessas duas situações, fizemos nova observação e retiramos cento e duas (102) fotos repetidas e/ou danificadas. E foram selecionadas setenta e nove (79) cujo critério de escolha foi a foto com melhor qualidade visual. Vale ressaltar que a seleção das fotos, neste trabalho, funcionou apenas para o olhar mais atento em relação aos temas sugeridos nos objetos/pessoas/cenários fotografados, além de retirar vinte e oito (28) fotos para legendar e realizar exposição on-line. Entretanto, as cento e oitenta e uma fotos (tabelas 2 e 3) seguiram como material de estudo em todas as fases, sobretudo para verificar a frequência e/ou ausência de determinado aspecto temático.

Ao elaborar a tabela 2, fizemos algumas alterações em relação à tabela 1. Substituímos “pessoas” na categoria I, por **pausa na rotina** com seis subtemas: I.1 ritual religioso (cerimônia de batizado); I.2 poses para fotos; I.3 trabalho em mutirão; I.4 atividades de lazer; I.5 atividades escolares; e I.6 deslocamentos/transportes de pessoas. Como categoria II, acrescentamos **reuniões**, por ter significativo número de fotos, mas sem subtemas. Também substituímos “trabalho” pela categoria III, **atividades laborais** com cinco subtemas: III.1 criação de animais; III.2 atividades agrícolas; III.3 comercialização de produtos; III.4 construção de casa e curral; III.5 atividades domésticas. E à IV categoria “paisagem” foi acrescentada a palavra “cenário”, com dois subtemas: IV.1 ambiente urbano e IV.2 ambiente rural. Também houve deslocamento de fotos de um grupo para o outro.

Fotografias do trator, por exemplo, em determinado lugar, perto de galhos entulhados, não têm muita dúvida de que a imagem revela a preparação da terra para plantio. Essa informação é ratificada pela presença de outras fotos parecidas e repetidas da mesma área semântica. Mas outras imagens que envolvem pessoas e/ou cenários diversos não são tão claras por causa do nosso desconhecimento da trajetória dos moradores. Então, com o trabalho já em andamento, solicitamos ajuda ao dono das fotos e elaboramos as legendas de vinte e oito delas para a exposição. Essa contribuição permitiu compreensão melhor das imagens, embora a foto pode e deve ser compreendida de forma singular e individual baseada no olhar e na subjetividade inerente a cada ser humano. Conforme Silva (2000), a apreciação de pessoas/fatos retratados tem significado único para cada espectador, provocando diferentes sentimentos e sensações a cada contemplação. Nessa etapa, com melhor compreensão dos temas fotografados, distribuímos as fotos em oito (08) envelopes ao agrupá-las nas quatro categorias citadas, conforme quadro a seguir.

CATEGORIAS	No. fotos	SUBTEMAS IDENTIFICADOS
<b>I. Pausa na rotina</b> (1 envelope)	01	I.1 Ritual religioso – cerimônia de batizado
	03	I.2 Poses para foto
	02	I.3 Trabalho em mutirão
	06	I.4 Atividades de lazer
	02	I.5 Atividades escolares
	04	I.6 Deslocamentos de pessoas/transportes
<b>Subtotal:</b>	<b>18</b>	
<b>II. Reuniões</b> (1 envelope)	19	Reuniões no reassentamento e em outros espaços
<b>Subtotal:</b>	<b>19</b>	
<b>III. Atividades laborais</b> (5 envelopes)	06	III.1 Criação de animais (galinhas, cabras e gado)
	11	III.2 Atividades agrícolas
	06	III.3 Comercialização de produtos
	05	III.4 Construção de casas e curral
	02	III.5 Atividades domésticas
<b>Subtotal:</b>	<b>30</b>	
<b>IV. Paisagens/ Cenários</b> (1 envelope)	07	IV.1 Ambiente urbano
	05	IV.2 Ambiente rural/ paisagens
<b>Subtotal:</b>	<b>12</b>	
<b>Subtotal de fotos selecionadas</b>	79 fotos	<b>Total geral: 181 fotos</b>
<b>Subtotal de fotos retiradas</b>	102 fotos	

Tabela 2- Informações das fotos selecionadas na segunda etapa

Fonte: Elaboração própria



Imagem 5- Oito envelopes com fotos selecionadas na segunda etapa. Junho/2021

Fonte: Acervo do projeto.

Igualmente, as fotografias retiradas por repetições ou por estarem danificadas também estão organizadas na tabela 3, em blocos por categorias e subtemas semelhantes. Alguns subtemas foram reduzidos ou alterados pela ausência de fotos repetidas. Em compensação, foi acrescida a categoria **fotos danificadas**, conforme quadro a seguir. Por isso a numeração referente às fotos da tabela 3 não coincide totalmente com as fotos da tabela 2.

CATEGORIAS	No. FOTOS	SUBTEMAS
<b>I. Pausa na rotina</b>	13	I.1 Personagens: moradores e professores posam para fotos em situações cotidianas no local
	05	I.2 Deslocamentos/transportes para compras
<b>Subtotal:</b>	<b>18</b>	
<b>II. Reuniões</b>	25	Reuniões no reassentamento e em outros espaços
<b>Subtotal</b>	<b>25</b>	
<b>III. Atividades laborais</b>	08	III.1 Criação de animais (cabras e gado)
	14	III.2 Atividades agrícola, transporte e comercialização de produtos
	05	III.3 Casas do reassentamento já concluídas
<b>Subtotal:</b>	<b>27</b>	
<b>IV. Paisagens/Cenários</b>	10	IV.1 Ambiente urbano
	12	IV.2 Ambiente rural
<b>Subtotal:</b>	<b>22</b>	

<b>V. Fotos danificadas</b>	10	V. Fotos de vários temas, mas de difícil identificação.
<b>Subtotal:</b>	<b>10</b>	
<b>Subtotal de fotos retiradas</b>	102 fotos	<b>Total geral: 181 fotos</b>
<b>Subtotal de fotos</b>	97 fotos	

Tabela 3- Informações das fotos retiradas por repetições ou danificação

Fonte: Elaboração própria

Após a catalogação e sistematização em tabelas, as fotos foram distribuídas em álbum conforme imagem a seguir.



Imagem 6 - Álbum das fotografias. As imagens em destaque pertencem à categoria “reuniões”.

Fonte: Acervo do projeto.

As etapas de manuseio das fotos foram realizadas a partir das informações obtidas na leitura da dissertação de Batista (2009) que descreve o reassentamento e da visita à comunidade, em dezembro/2020. Como também a partir da leitura das próprias fotografias e o que elas nos dizem, embora sob o risco citado por Oliveira (2000, p.19), segundo o qual “o objeto é alterado pela nossa maneira de ver a realidade”. Contamos ainda com esclarecimentos do dono das fotos que informou dados para a legenda de vinte e oito fotos organizadas em exposição digital. As cento e oitenta e uma fotografias são referentes a situações do período de 2003 a 2005, primeiros anos do reassentamento.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da segunda etapa estão sintetizados nos gráficos 1 e 2 a seguir.

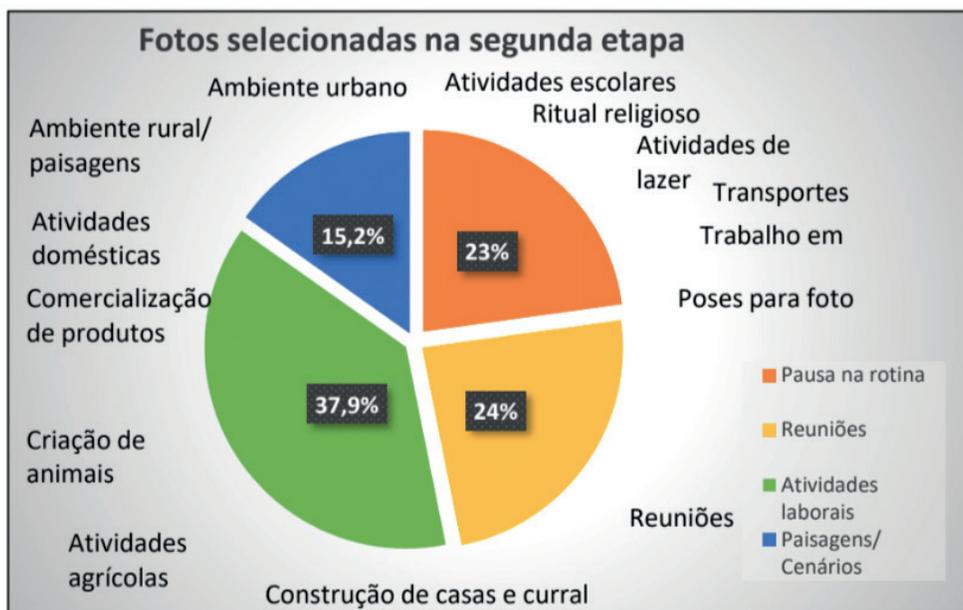


Gráfico 1 – 79 fotos selecionadas na segunda fase (tabela 2)

Fonte: Elaboração própria

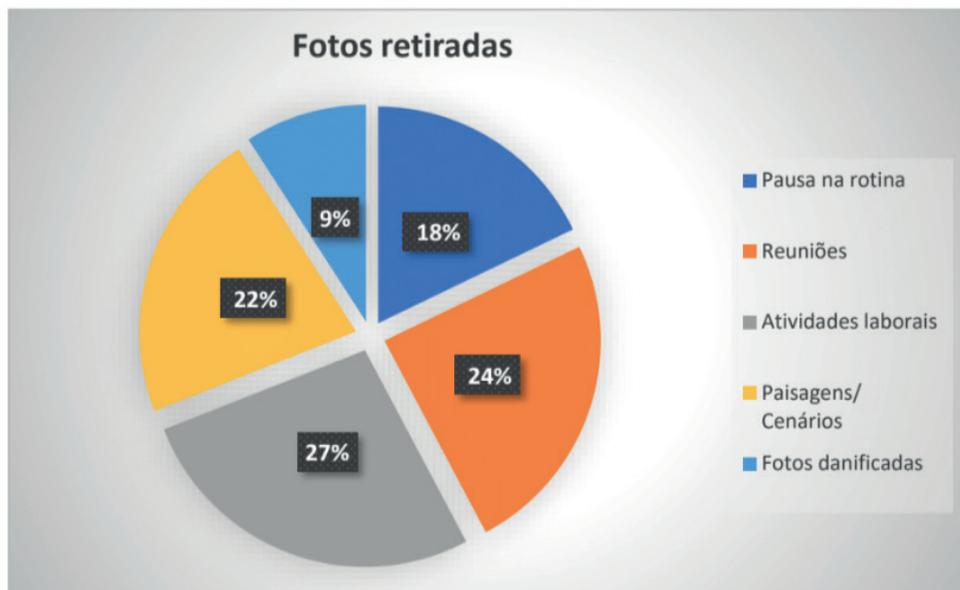


Gráfico 2 – 102 fotos retiradas por desgaste e repetição (tabela 3)

Fonte: elaboração própria.

Essas fotografias revelam pessoas que tentavam se encontrar, se conhecer e, sobretudo, se adaptar ao novo lugar para onde foram levadas ao serem distanciadas de vizinhos, parentes e de diversas práticas que funcionaram durante anos na terra de origem. O início no reassentamento foi momento de reaprender e também de compreender que, depois do susto e da tristeza profunda, era necessário seguir a vida. Por exemplo, a foto tirada entre girassóis é simbólica: sugere que, embora não desejada, a terra do reassentamento pode produzir com esforço e se tornar promessa de um futuro melhor. A foto de batizados evidencia que rituais e práticas religiosas seguiram como parte da vida e da fé, mesmo no meio de desconhecidos. O trabalho de limpeza realizado em mutirão pode ter sido também uma tentativa de vários homens se conhecerem e manterem limpo o posto de saúde da comunidade.

Do tema lazer, da mesma categoria **pausa na rotina**, as fotos mostram grupos se distraindo na inauguração do campo de futebol. Tal imagem é reveladora, porque, em geral, esse equipamento coletivo mudou o lazer do público masculino que, na terra de origem, era realizado no rio com atividade de pesca e/ou banho (BATISTA, 2009). Já o encontro entre parentes e vizinhos expressa a tentativa de adaptação para quem se distanciou de amigos. O campo de futebol, atualmente, continua a ser utilizado e recebe torneios com vários grupos externos. As mulheres organizaram um time feminino que tem oportunizado encontro, amizade e diversão entre as moradoras. Outras fotos revelam crianças em um rio, fora do reassentamento, se divertindo e, certamente, recordando momentos de outrora,

quando esse era o principal espaço de lazer, vivências e aprendizagens. Por último, o casal que dança expressa alegria, movimento e sugere o espírito universal de festa, encontro e relacionamentos humanos que ultrapassa espaço e tempo.

Há duas (02) fotos de estudantes e professora em sala de aula da Escola Municipal Carmencita Matos Maia, localizada no reassentamento. Outra imagem exhibe alunas em momento de apresentação artístico-cultural na comunidade Córrego da Prata (município de Porto Nacional), na abertura de encontro de lideranças. Isso demonstra o empenho da participação de crianças no fortalecimento do grupo de reassentados. Chama a atenção não haver muitas fotos de alunos. No entanto, a escola aparece em inúmeras fotografias, sobretudo, em reuniões da comunidade. Mesmo assim, os dois momentos escolares registrados revelam que a escola é outro equipamento coletivo que funciona desde o início do reassentamento até o presente. Atualmente, no trabalho pedagógico, há dois professores e outros servidores que pertencem ao Flor da Serra. Ou seja, a escola incorporou profissionais locais, embora a direção e alguns docentes sejam de Porto Nacional, sede do município.

Sobre o tema deslocamentos/transportes há doze (12) fotos. Três delas mostram moradores se deslocando para encontro entre lideranças dos assentamentos da região e representantes da Investco, Naturatins e de outros órgãos, em Miracema-TO. Além disso, há quatro fotos de moradores no interior do ônibus ou na frente do supermercado com o qual a comunidade tinha parceria. Os reassentados compravam no mesmo local e, em contrapartida, o supermercado fornecia transporte no percurso reassentamento Flor da Serra-Porto Nacional. Em outras fotos, há caminhões pequenos que transportavam famílias para a venda de produção coletiva de milho verde, na feira de Porto Nacional. Com o passar do tempo, os encontros de lideranças foram se tornando mais raros, enquanto membros das famílias passaram a adquirir/utilizar motocicletas para deslocamentos individuais.

Da categoria II, **reuniões**, são quarenta e quatro (44) fotos (tabelas 2 e 3). Foram fotografados, geralmente, moradores adultos, mulheres e homens em momento de reuniões na escola do reassentamento ou em salas e órgãos públicos do Rio de Janeiro, como o encontro de lideranças do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) que apoiou os deslocados. Também há fotos de reassentados em Brasília, como a reunião de lideranças do MAB com a então ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff. Há outras fotos em cidades vizinhas, como a visita de lideranças ao Assentamento 2000, no município de Ipueiras-TO. As reuniões ocorreram, ainda, em espaços ao ar livre. Sentados em círculo, na maior parte das vezes, as feições sérias dos participantes sugerem debates de interesse coletivo. O lançamento da chapa majoritária de um partido político e a candidatura de morador e ex-presidente da associação para vaga de vereador, em 2004, é um dos encontros registrados.



Figura 7 – Lideranças do MAB participam de reunião em Santa Tereza/Rio de Janeiro, 2003.

Fonte: Acervo de um reassentado.

Ainda na categoria “reuniões”, há fotos que registraram momentos de descontração, certamente em intervalos dos debates para lanches, com a presença de tocador de violão e conversas em pequenos grupos. Há também situações de celebração e/ou festa na escola da comunidade. Em geral, nas reuniões, os participantes parecem confortáveis e interessados no que fazem, inclusive quando alguém expõe determinado assunto aos interlocutores. A abundância de fotos de reuniões sugere que, no início do Flor da Serra, os moradores tiveram que se reunir muitas vezes a fim de reivindicar serviços e equipamentos coletivos, pois as primeiras famílias chegaram quando o reassentamento ainda estava em construção. É fato que não adianta ter um prédio como posto de saúde, se não há atendimento médico; ter encanamento e torneiras, mas sem água disponível. Ou ter um pedaço de terra infértil sem orientação técnico-agrícola e recursos para aquisição de fertilizantes e trator, por exemplo. E esses tipos de necessidades atingem todas as famílias; não é algo pessoal. Por isso os encontros de reivindicação foram espaços para fortalecimento da luta dos moradores.

Na categoria III, **atividades laborais**, há cinquenta e sete (57) fotos (tabelas 2 e 3) a maior quantidade registrada. Dessas, quatorze (14) se relacionam ao tema criação de animais. As imagens revelam galinhas no terreiro, caprinos e bovinos próximos a alguma moradia, presos em currais ou soltos em pastos. Segundo Batista (2009), os rebanhos reduziram, no reassentamento, em relação à terra de origem. Mesmo assim, muitos moradores conseguiram transportar suas criações, sobretudo as de pequeno porte, como galinhas, cabras e porcos. Mas a maior parte das fotos mostram bovinos, geralmente pertencente a alguns reassentados que já possuíam terra antes do deslocamento.

Com o tema agricultura, onze (11) fotos mostram moradores manejando uma máquina adquirida para produção de farinha de mandioca ou ainda na produção de milho e melancia. Isso reforça que os moradores são agricultores familiares (BATISTA, 2009). Eles fizeram tentativas de plantio de forma coletiva. Primeiro, plantaram arroz, mas não obtiveram êxito. Depois, plantaram soja, por isso a maior parte das fotografias retrata desde a preparação do terreno, com o trator no centro, passando por fases de crescimento da planta até os grãos ensacados. O reassentamento é cercado por grandes plantações de soja e, embora fossem quase todos pequenos agricultores familiares, se convenceram a plantar soja para recuperar um pouco os prejuízos que tiveram ao sair do lugar onde havia muitas plantações e colheitas de frutos do Cerrado, entre outros produtos (BATISTA, 2009). Os moradores, por meio da associação, adquiriram trator, corretivos e fertilizantes, além de outros elementos agrícolas e a colheita foi um sucesso. A experiência de trabalho coletivo poderia ser de significativa aprendizagem para aquelas famílias.



Imagem 8- Momento de preparação da terra para plantação de soja no Flor da Serra.

Fonte: Acervo de um reassentado.

Os produtores conseguiram vender o produto. Entretanto, no galpão do reassentamento, no momento de pagar a cada participante, apareceram assaltantes que roubaram quase todo o dinheiro, além de atingir dois reassentados a tiro. Pior do que o dinheiro levado e a dor da ferida, as famílias em geral foram atingidas pelas “balas” da frustração, do desânimo e da desconfiança. E abandonaram o trabalho coletivo. Isso significa grande prejuízo para o reassentamento Flor da Serra que poderia crescer por meio de outras experiências de trabalho associativo. As fotos mostram os momentos de conquista com o trator no centro, em algumas; há pessoas entusiasmadas e também a soja

saudável como planta e como esperança.



Imagem 09 – Plantação coletiva de soja no reassentamento Flor da Serra.

Fonte: Acervo de um reassentadoo.

Sobre comercialização e transporte de produtos, há vinte (20) fotos (tabelas 2 e 3) que registraram moradores em caminhões, motos e bicicletas transportando produtos coletivos e/ou individuais para a feira em Porto Nacional. Isso evidencia que vários reassentados continuaram a prática anterior de vender o excedente, como pequenos agricultores familiares (BATISTA, 2009). Entretanto, as fotos não revelam a luta e as dificuldades pelas quais as famílias passaram para se adaptar a uma terra infértil, distante do rio e de suas férteis várzeas.

Ainda em relação às atividades laborais, com o subtema construções, há cinco (5) fotos (tabela 2) que mostram pessoas construindo, ampliando ou realizando consertos de casas e de curral. Uma delas registra trabalho em mutirão em um encontro de lideranças no assentamento, em Ipueiras. A associação reivindicou mais um quarto para famílias com filhos e filhas, pois a casa construída pela Investco era padronizada com apenas dois quartos, sem considerar a quantidade de membros das famílias. Na tabela 3, há cinco (05) fotos de casas já construídas.

Quanto às tarefas domésticas há apenas duas (2) fotos, tabela 2, na casa dos professores, localizada ao lado da escola que, curiosamente, retratam cenas do preparo de comida. A ausência de fotos desse tema sugere que as atividades domésticas de mulheres e homens do Flor da Serra não têm limites em relação à criação de animais e atividades agrícolas, por exemplo. É uma rotina em que as pessoas vão construindo e se constituindo entre hortas, plantações diversas e cuidados com animais, especialmente os de pequeno

porte. As ações, certamente, foram regadas a muita nostalgia, reclamações e comparações, por exemplo: diante de uma pequena pia com torneira muitas vezes sem água, como não sentir falta dos grandes lajedos e das correntezas do rio que lavavam as roupas e também a alma das mulheres que, enquanto trabalhavam, cantavam alegres?

Quanto à categoria IV, **Paisagens/cenários** são trinta e quatro (34) fotos (tabelas 2 e 3), das quais dezessete (17) revelam ruas pavimentadas, prédios comerciais, aeroporto, igrejas e vias de trânsito de cidades grandes, como Rio de Janeiro e Brasília; e outras com características de assentamentos e pequenas cidades circunvizinhas. Já paisagens são mostradas em dezessete (17) fotos de cenários com pedras enormes, árvores, serras e rodovias que foram feitas em movimento por rodovias do Rio de Janeiro. O fotógrafo certamente não queria perder nada daquela viagem. Há, ainda, algumas fotografias registradas no reassentamento.

A categoria V, **fotos danificadas**, aparece apenas na tabela 3. São dez (10) fotografias que, por desgastes severos, como manchas, não há possibilidade de identificar com precisão o assunto abordado.



Imagem 10- Exemplo de foto danificada.

Fonte: Acervo de um reassentado.

As fotografias que estavam guardadas em uma caixa durante quase duas décadas já demonstram os efeitos do tempo. Além das dez que estão bastante danificadas, conforme tabela 3, a maioria das demais fotos apresenta baixa qualidade como desbotamento e/ou imagem desfocada, conforme o exemplo a seguir.



Imagem 11 - Exemplo de foto desbotada ou sem foco

Fonte: Acervo de um reassentado.

Além disso, inúmeras delas foram tiradas de muito distante. Há várias que estão meio tremidas, sobretudo de paisagens/cenários o que evidencia que a pessoa estava em movimento. Outras tantas, sobretudo em ambientes fechados, como salas de reunião, **são escuras, além de outras que focaram o** mesmo objeto, cenário e/ou pessoa.

Apesar dessas situações, é possível afirmar que são fotografias de décadas passadas referentes à história de pessoas, lugares, equipamentos e/ou objetos do reassentamento Flor da Serra. Algumas crianças e adolescentes que aparecem nas fotos, atualmente são adultos e revelam a distância temporal das imagens. As fotos foram registradas com câmera analógica e, de acordo com informações no verso, quase todas elas foram impressas em loja *Kodak*, marca que dominava o mercado fotográfico antes da popularização de câmeras digitais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fotografias referentes ao reassentamento Flor da Serra nos remetem a Benjamin (2012) para quem cada foto deveria ser única e apresentar a aura da pessoa ou do lugar registrado por mais marginalizado que fosse. Mas o fato é que, mesmo sem a aura e singularidade desejadas pelo autor alemão, foi possível construir sentidos acerca do início do reassentamento Flor da Serra a partir das fotos manejadas.

As fotografias revelam crianças na escola e pessoas em situação de pose em um lampejo de alegria ou em atividades de lazer; em trabalho de mutirão ou nos momentos de deslocamento coletivo para encontros de lideranças ou compras. Foram registradas muitas reuniões de reassentados para reivindicações, demonstrando o espírito aguerrido

daqueles que foram retirados de onde não tinham intenção de sair. Também pela fotografia foram capturadas tantas pessoas e situações de trabalho que remetem à luta incansável das famílias pela sobrevivência. Foram fotografados lugares representativos, como as próprias casas dos moradores; os quintais onde as famílias criam animais ou em que plantam sementes de esperança, apesar de terra infértil. E ainda as fotos que deixaram registradas as tentativas e os processos de trabalho coletivo com arroz e soja. Marcados pela esperança de dias melhores, o assalto transformou a vida de muitas famílias em pesadelo e em ferida que ainda incomoda. Enfim, as fotografias revelam um grupo sempre em movimento, formado por sujeitos (Bakhtin, 2003) que precisam continuar a história, ainda que deles tenham sido tirados tantos bens físicos, emocionais e culturais-simbólicos.

Nesse contexto, os registros fotográficos dão visibilidade a eventos, pessoas, lugares, situações e momentos vivenciados pelos reassentados, tornando-os atemporais (ASSMANN, 2011). Assim, é importante a produção e manutenção das fotos como documentos visuais, pois elas contribuem como memória externa e fonte para pesquisa, no processo de comunicação e integração entre reassentados e sociedade (SILVA, 2000). Catalogadas, organizadas em álbum e parte delas em exposição digital, as fotos passam a ter as características funcionais defendidas por Assmann (2011) que são conservação, seleção e acessibilidade.

Por fim, as fotografias capturaram momentos de trabalho coletivo, convivência, reivindicação e de lazer. Como também vestígios de situações de dor e de feridas, além de festas e encontros de pessoas que se sentiram vencedoras e, por isso, devem ser recordadas e valorizadas pelas novas gerações. Esperamos que as pessoas possam olhar de maneira respeitosa as fotografias feitas por reassentados que certamente tinham por objetivo preservar, em memória externa, as narrativas que eles guardam como recordação.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaço da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATISTA, Eloísa Arminda D. **A recomposição do modo de vida nos reassentamentos rurais do setor elétrico**: estudo comparativo entre Flor da Serra e São Francisco de Assis (Estado do Tocantins). Dissertação de mestrado. Palmas, 2009. 231 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 510, de 07 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: Disponível em: <http://bit.ly/2fmnKeD>. Acesso em: 08 mar. 2021.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, vol. I). p. 97-115.

MEDINA, Maria de Fátima Rocha e MARANHÃO, Valquíria de Lima. Do plantio de sementes à colheita de recordações. **Revista Humanidades e Inovação**. v.7, n.23 (2020): Dossiê O sopro da voz é criador. p.42-53. ISSN: 2358-8322

NETO, José Alves de Freitas. **Fotografia e memórias**: o que queremos registrar. Unicamp, Campinas, 28 fevereiro/2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/jju/artigos/jose-alves-de-freitas-neto/fotografia-e-memorias-o-que-queremos-registrar>. Acesso em: 17 jun. 2021.

NÓBREGA, Renata da Silva. Os atingidos por barragem: refugiados de uma guerra desconhecida. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 36, n. 19, jan./jun. 2011, p.125-143.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. 2.ed. Brasília: Paralelo 15. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SILVA, Márcio de Assumpção Pereira da. Memória e fotografia: um estudo sobre informação visual em São Carlos (SP). **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 10 n.1 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/93053>. Acesso em: 09 jul. 2021.

TOCANTINS. DECRETO Nº 6.222, de 26 de fevereiro de 2021. **Estabelece medidas de enfrentamento da COVID-19 no âmbito do Estado do Tocantins, e adota outras providências.**